

Assuntos e Tópicos

TEMA: PLANO e ECONOMIA REGIONAL

• Pequenas indústrias :

- Fábrica de Tratores - concurso
- Análises do projecto de linhas : a "política" no conto?
- Relatório de conjuntura : ninguém tem direito a criticá-lo?
- Adidos : já consultas? já queixas?

Resposta

Pequenas indústrias

mas entre o plano integral da indústria de base?

- Foi recentemente anunciada a abertura de concurso ^{publico} para instalação de uma linha de montagem de Tratores. Ser preciso tractors, está demonstrando a viabilidade de unidade industrial (segundo se afirmou no ^{despacho que fixa} ~~presente~~ do anúncio do concurso), que há de mais natural que tal iniciativa tenha sido tomada? E no entanto, a notícia, na sua simplicidade, deixou-nos bastante confusos. Supere-mos mesmo algumas interrogações :

- Montar Tratores, montar automóveis, montar ~~carros~~ autocarros de passageiros, montar camionetas de carga - não são actividades industriais de identica natureza? Uma nova política agrícola e uma nova política de Transportes não deveriam ser os pontos de partida necessários para uma nova "política de utilização" das numerosas linhas de montagem de veículos já existentes? Estes aqueles já definidos? Ter-se-á feito já a articulação entre ~~estas~~ ^{estas} e o destino a dar no futuro às linhas existentes? Ou admite-se que ~~estas~~ ^{estas} continuem a despir anualmente catadupas de automóveis sobre o mercado? Não seria útil dar uma explicação ao público sobre tudo isto?

- Não houve recentemente o estabelecimento de uma metrológica em tempo especializado em máquinas agrícolas, e posteriormente "reconvertida" à montagem de carros militares?

É' completamente absurdo admitir que tal unidade
pudesse reunir essas duas tipos de experiência e envolver
pela montagem de tractores?

• Se a ideia é a de criação de empregos, e ~~isso~~ supõe
possível a solução do ponto anterior (que "apenas" permitiria
manter os já existentes), porque não ir criar-se os
desenvolvimento de numerosas indústrias de acessórios
e conjuntos, que pensam, mesmo com o actual nível
industrial português, poderiam vir a incorporar a relativa-
mente custo pouco muito mais do que 25 ou 30% os
veículos montados? Multiplicar isto uma redução drástica
no número de marcas no mercado? Pois certamente
que sim! Mas isto não tem necessariamente de ser
feito, não é quem der?

• Vieram mais dois economistas de renome internacional, com
o objectivo de "tirar o tempo" o que fazer do projecto de
Sines. Para além de se achar um pouco estranho o
método - não haverá quem o pudesse fazer entre nós? a
directora do gabinete, que pelo visto mantém a confiança de
forem, não tem ideias sobre o assunto? ou não merecem tanta
confiança como parece? -, gostei muito de ser
informado sobre quais as "directrizes políticas" que alguns
especialistas têm sido dados. Ou seja o projecto de Sines
além que possa ser "avaliado" independentemente dos critérios
políticos em que se inscreve? Parece-me que ninguém com
um mínimo de senso poderá responder afirmativamente a
este question, mas por outro lado não estamos a ver aqueles
especialistas a quererem meter-se por tais caminhos... Enfim,
não nos arrisquem a que, depois de ter o sr. Lundberg

PLANO e ECONOMIA REGIONAL

Julgamos que não será de todo inútil continuar a filosofar um pouco sobre certos pontos centrais ligados ao planeamento e ao desenvolvimento económico-social, sobretudo para que se compreenda que o essencial destes pontos é facilmente apreensível e, como não podia deixar de ser, toca ^{demasiado} profundamente no quotidiano de cada um para que possam ficar-lhes desconhecidas as políticas ou as técnicas que, de alto das suas competências, servem os desígnios daqueles. Estas breves considerações terão ainda, subsidiariamente, a possível utilidade de chamar a atenção para o facto, assaz bizarro, de ~~se~~ tratar de problemas que os partidos políticos têm, até aqui, evitado abordar. As suas propostas estão, evidentemente, suficientemente diferentes "projectos de sociedade", como hoje se diz, mas tais projectos nunca são explicitados — pois todos os partidos se reclamam do "Povo", e tal explicitação seria impossível sem simultaneamente se tocar o nervoso problema das "contradições no seio do ~~do~~ povo". A única contradição que emerge dos discursos partidários, e nem tanto, é a que opõe ~~o~~ monopólio/latifúndios a povo/MFA. É pouco, e é sobre um facto de fundamentalidade de qualquer "projecto de sociedade".

O problema é que ^{interesse de} ~~se trata de~~ algumas coisas e o de compatibilização entre um planeamento "central" e os interesses (no bom sentido) regionais. ~~Estas coisas~~ Estamos perante uma das formas que reveste hoje o clássico conflito cidade/campo. Pelo facto de se ser na cidade, ou, mais precisamente na capital, que se encontra concentrada a maior parte dos técnicos e intelectuais, super- e apressa-

com ele logo após o fim do 2º guerra e lançou um socialismo "autogestionário", a seguir teve de se "reformular" completamente após o retirada de todos os textos soviéticos em 1960 (tal retirada serviu, aliás, às consequências do des-sacramento ^{soviético} em relação a conceitos de desenvolvimento chinês consideravelmente heterodoxos...). País de novos recursos, a Jugoslávia não conseguiu escapar a uma gradual aproximação dos países capitalistas, ~~devido a sua superioridade~~ tudo dependendo da sua superioridade de autogestão (a nível de empresas, de regiões e administrações locais) num movimento de "economia de mercado" que hoje só aparentemente se diferencia de uma economia capitalista. Falta um "projecto socialista" coerente, capaz de evitar que a combinação Partido - órgãos de autogestão viesse a resultar na criação de uma nova "elite", ~~de mercado~~ ^{de mercado} ~~seu~~ ^{seu} ~~individualista~~ ^{individualista}. ~~Entretanto, as repúblicas "atrasadas" continuaram atrasadas, fornecendo largos contingentes de emigrantes aos países capitalistas ocidentais, bem como boas somas de dinheiro ao Estado, com que este fornecesse as abundantes importações de que necessitam. Cesos com este, seu autogestão, conhecemos nós bem...~~

Na noção de China, desde os tempos de luta armada que o discurso político foi sempre fundamentado a todos os níveis. A intensa luta pelo Partido - exército revolucionário - camponeses, ao longo de anos de luta, produziu um verdadeiro "projecto socialista" fortemente radical nos problemas das comunidades do campo. Tal projecto apontou desde cedo para o conceito de "lutar com as próprias forças". É certo que os recursos humanos de um país como a China

permitiram que a aplicação prática de tal conceito pudesse
 ter êxito. É certo, também, que o contexto histórico e
 cultural do desenvolvimento chinês, ~~sempre~~ bem como a sua
 incógnita específica, ~~é~~ e o seu nível econômico, concorriam
 para que os modelos de "hábitos de consumo" ^{que} fossem totalmente
 estranhos e de difícil penetração. Tudo isso constitui, natural-
 mente, um conjunto de fatores a ter em conta e a impedir
 qualquer transposição mecânica de experiências chinesas para outros
 países. Nesse por isso, contudo, ~~é~~ ^{como é} necessário de "contar com as
 próprias forças", com tudo o que contém de apoio à imaginação,
 à criatividade, à descoberta de soluções novas, ~~é~~ ^{que} deve de ser
 particularmente importante. Essa simples noção, se for ~~se~~, consti-
 tui um forte estímulo à luta contra o "centrismo cidadão",
 se bem que, obviamente, a auto-subsistência regional seja,
 de um modo geral, um só insuperável caso, levando ao extremo,
 uma fonte de desperdício de recursos. (Os chineses também conhe-
 cem tal experiência negativa, sobretudo no período do "grande salto
 em frente").

Que tem isto que ver com Portugal? Poderá pensar-se que Por-
 tugal possa sobreviver "contando só com as suas próprias forças"? Ou
 que, no limite oposto, cada pequena comunidade rural possa qual-
 mente adotar tal "atitude"? Por ^{essa} o problema ~~está~~ ^é,
 obviamente, incorrecto. Mas perspectivar o futuro em termos
 de "recorrer ao máximo às próprias forças", e ~~é~~ ^é não só correcta como,
 provavelmente a única saída possível, a única "perspectiva de
 sociedade" a que se possa chamar de Libertador.

Seja possível a um qualquer "gabinete de planeamento" em Lisboa
 prever e programar as medidas mais adequadas para solucionar
 um determinado número de problemas regionais e locais, apenas com base

nas informações de nível médio (ou mesmo médio, e o mesmo) de representantes eleitos das ditas regiões? Mas será, por essa forma, manter a existência total uma variedade mínima de soluções que as massas populares poderão e deverão encontrar por elas próprias, quanto menos a custo de bem menores volumes de recursos sociais? A política política de investimentos, excluindo os grandes investimentos industriais e de infraestruturas, de competência do Estado, não deverá ser fortemente descentralizada, de forma a desenvolver comunidades regionais equilibradas, sob reserva de uma articulação muito flexível que precisamente terá por função evitar as duplicações de esforços e, portanto, os desperdícios sociais? Mas terá isto de ser acompanhado de uma reestruturação da vida cultural e política regional, em lugar de uma paternalista orientação por "especialistas" e intelectualista burocrata?

É claro que toda isto levanta um e uma outra interrogação. O "projeto" é de tal modo que será tentado substituí-lo por outro mais dinâmico, mais tecnocrático, mais "experimental" — enfim, que reúna novas surpresas, pelo menos na aparência. Mas se estará mesmo civil para pensar nestes termos. Têm-se boatos, existências, interrogações — que, afinal, mesmo sem tais recursos, já se está a verificar diariamente. Mas é mais fácil fechar os olhos e continuar a "verificar Portugal" como uma sociedade que terá de seguir os Trilhos, já batidos, de qualquer "sociedade de sistemas", de Leste ou Oeste. Afinal só se conseguirá que melhor seja a altura de qual: será a "mãe original para o pacífico".

17 Maio. Lançamento e bit de proteção - id Vasco Gonçalves

(Card. silv., Riv. Ligeo.)

25-25 Maio - Polónia - acordo com o navio

C. Insitidactyl

3) Indice - C.T. Vinu - segment: pentagonal

5 July - 2nd period CT. Met friends: Aaron, John, & b. & d.
A. & b. & d. & c.

1.2 Junho → Cons. Pleuistros (MIT: Deleg. para Olimpíadas; org. da JEN; Deleg. 3^{ra}. Linares, Seten, Viana, Adm. de Seten.)
 CT autônomo + sup. for. Anual e decimais em 2^{as} A
 19 Maio Gabin. a Pol. Inter. Autônomo

15. Jueves - torneos en Com. Mitica y Com. de Paraguarí (Alfite)

17 Julho - sai eutrense no DN - chegar Crivinhos

19 June - F. Portier - "Convergences" projects my. lavar F. Portier / F. Oeiras
renovo (noite) C. Economia, prepara IR as Cons. d
Produção.

20. Transfer - [newer equip MIT
in to Cons. & Products (converts Vases of Pyrite)]

21. Jumbo- publicas d. P.A.P.

25-28 Julio. Argelia

(27- actg. as "Jornal")

2 Julho - envio perfecto MIT p. Cons. de Ministros

9 July - acrob. cf. Hygroplitis / DEG

21 juillet - présent^s - 9 participants / projets Group de Coordination MDA/FA
nouvelle relation EST. février

14 Julho - pedido de emissão

21/25 - envio proj. de despacho às empresas MDF / fo, etc.
aproveçar em C.Ec. a Grb. BERT. Anonimad

30 per cent

301
"Pencil" 5
"Hitter"
14

10 Junho - 14 Julho

10 julho
de missa

18-25

18-25
↓
decline

accelerating
projects &
Deh. New

Dep. N. 1/2, 1/4
Centron

✓ control

4° período

41
прекрасно

de Vasco Gonçalves,
e o Exército

laços, mesmo informando de
naval C. Insitadora

l. nacionalização.

acorda sobre as bases
de.

Mestre

Info; orgão JEN; Deleção. Lisboa,
Seten, Viana, Adm Seten.)
e decisações em A

transfere

Cons. A. Fernandes (Alf. 16)

ap. A. Cravinho

o imp. lavar F. Portugal / F. Ovaras
frequente, etc. ao Cons. A.

conversa Vasco e F. Portugal

União

Deleção Grupo de Coordenação MDF/PO
muito relativo EST. feder

, etc.
muito

A. Tula (3, 4, 5)

filas Delf. Rouquay, J. Lemos e ISETE
" M. Lourenço (A. L. M.)
" Trindade L.

Carta ao Expresso

Dr. Director

13 Abril 75

Dele. esta. Expresso na origem de várias notícias
várias a público sobre a formação de um "novo gov.
lamente político" (a partir do núcleo ex-MES),
e em todos eles, e semelhanças.
A que fez o Expresso, seu ^{menção} ~~texto~~ meu nome, deve
fazer esclarecer que:

- a) no entanto, a nenhuma grupo, mesmo os meus
informes, de acção política concertada, nem estão
ligados a quaisquer iniciativas para a formação
de um novo movimento político
no de qualquer contributo para
- b) o texto que ~~se~~ ^{meu} ~~associação~~ ^{meu nome}, nem
que o Expresso publicou e a ~~Associação~~ ^{Associação}
organizada. Toda parte em q. discusso A. meus

Na fase mais, além, A que explicitar, os meus
caso individual, o que, em esclarecimento de ordem
geral a imprensa, ^{discussão} ~~discussão~~ os Drs. Jorge Mendes
e meus ~~procedimentos~~ ^{procedimentos} com ~~imprescindíveis~~ ^{imprescindíveis} ~~procedimentos~~.